



**BUGAJSKI, J., *Return of the Balkans: Challenges to European Integration and U.S. Disengagement*, Carlisle, Pennsylvania, Strategic Studies Institute, U.S. Army War College, 2013**

Escrevia Florian Bieber, experto em assuntos dos Balcãs, na sua nova obra *Debating the End of Yugoslavia*, que as livrarias poderiam ser enchidas com livros e artigos escritos sobre a desintegração da Jugoslávia. E tem toda a razão o professor alemão. Durante muito tempo os Balcãs, mas especialmente a antiga Jugoslávia, foram tema de debate e redacção por parte de muitos intelectuais ocidentais. Tal foi o nível de tratamento que inclusive Maria Todorova, na sua obra *Imagining the Balkans*, criticou que no Ocidente a Jugoslávia fosse identificada como um sinónimo

dos Balcãs. Então, se a zona já foi extensamente tratada, porque voltar mais uma vez a ela? Por que uma nova resenha sobre uma nova obra em relação aos Balcãs? Por que os Balcãs, e neste caso concreto, os Balcãs Ocidentais ainda têm uma grande importância geoestratégica, embora só seja porque as potências ocidentais estão de mais comprometidas na região desde há mais de vinte anos.

No sentido anterior, a obra *Return to the Balkans*, aproxima-se dos Balcãs desde o ponto de vista do Estado-nação e dos problemas que as minorias nacionais diferentes colocam na construção deste. Neste sentido, a obra engloba os Estados de Albânia, Bósnia e Herzegovina, Kosovo, Macedónia, e Sérvia, analisando-se as diferentes problemáticas nacionais existentes dentro de cada um destes Estados e também entre os próprios Estados. Assim, a análise focaliza-se no comportamento das elites políticas. Além da análise dos problemas nacionais e étnicos destes países, também é analisada a política que até este momento as potências ocidentais praticaram nos Balcãs ocidentais, os desafios que a curto e meio prazo estas potências deverão afrontar na zona e por último, um pacote de recomendações que o autor propõe para fazer frente a esses desafios e problemas que a região terá no futuro.

Janusz Bugajski, o escritor da obra, é um analista político e apresentador de televisão estadunidense. Entre as principais posições do Bugajski destacam-se: Senior Associate at the Europe Program at the Center for Strategic and International Studies; Chair of South-Central Europe Area

Studies at the Foreign Service Institute e apresentador do Bugajski Hour um programa mensal que é retransmitido na televisão albanesa. Além disso, Bugajski trabalhou para o Departamento de Defesa dos EUA, para a USAID e para outras organizações nos EUA. Por último, algumas das suas obras mais importantes são: *Journeys of No Return: The Balkan Sagas of Anvil Kutlas* (Create Space, 2011); *Georgian Lessons: Conflicting Western and Russian Interests in the Wider Europe* (Center for Strategic and International Studies [CSIS], 2010); *Dismantling the West: Russia's Atlantic Agenda* (Potomac, 2009); *America's New European Allies* (Nova Science, 2009); *Expanding Eurasia: Russia's European Ambitions* (CSIS, 2008); *The Eastern Dimension of America's New European Allies* (U.S. Army War College, 2007); *Kosova: From Occupation to Independence* (Koha, Pristina, 2006); *America's Atlantic Bridges: America's New European Allies*, com Ilona Teleki, (Rowman & Littlefield, 2007); *Cold Peace: Russia's New Imperialism* (Praeger/Greenwood, 2004).

Já só ao olhar numa forma geral para as principais obras deste autor, é possível adivinhar as linhas mestres nas quais a obra foi desenvolvida e escrita. Assim, existem três características chave na configuração dos conteúdos da obra. Em primeiro lugar, deve ser destacado que o autor tem uma visão completamente imperialista sobre a região e sobre o que deve ser feito ali. Isto quer dizer que para o autor o futuro e a estabilidade na região dependem exclusivamente dos EUA e da NATO. Em segundo

lugar, outra característica importante para analisar e compreender o documento é o seu carácter pro-albanês e anti-sérvio. Em terceiro lugar, também existe na obra um forte carácter anti russo.

O livro pode dividir-se em duas partes. A primeira delas é uma análise sobre a situação dos Estados mencionados anteriormente. Assim o autor trata os principais problemas nacionais, da construção do Estado-nação e dos problemas de encaixe das minorias nacionais nos Estados analisados. Se começarmos por Sérvia, o autor sublinha que o principal problema que afeta à estabilidade da região é a questão de Kosovo (o autor usa Kosova, que é o nome albanês para o território). Assim, segundo Janusz Bugajski, o principal objetivo do executivo da Sérvia face a Kosovo é a divisão do território em duas partes. Por um lado, o norte, que seria integrado na Sérvia. Por outro lado, o restante que seria integrado na Albânia. Além disso, esta possibilidade não seria impossível se os EUA não intervissem mais activamente na zona, devido a que a União Europeia poderia aceitar esta partição como forma de resolver o congelamento da situação sobre o Kosovo. Porém, o principal problema segundo o autor é muito fictício. Primeiro, porque as autoridades de Pristina, nem sequer querem ouvir tal possibilidade. Segundo, porque os principais partidos e autoridades na Sérvia também rejeitam esta ideia, embora seja principalmente para poder negociar a sua entrada na UE. Terceiro porque a UE, a diferença do que diz o autor, não vê nem legítima, nem possível essa opção para resolver a

questão kosovar. Quarto, e isto é algo que o autor menciona no livro, o Kosovo e a Sérvia assinaram o Acordo de Bruxelas, que embora não seja a solução definitiva para resolver o status do Kosovo, sim é um bom ponto de partida que leve os dois territórios a manter relações diplomáticas cordiais.

No caso de estudo da Bósnia e Herzegovina, o autor focaliza-se na falência que o Estado está a sofrer desde a implementação dos Acordos de Dayton. Assim, a principal dificuldade para o bom funcionamento da Bósnia e Herzegovina como estado está na contradição de dois projectos totalmente diferentes entre as principais forças políticas. Por um lado, os dirigentes da Republika Srpska, chefiados pelo presidente da mesma, Milorad Dodik, os quais tentam, a curto prazo, obter maior grau de autonomia e autogoverno, e a longo prazo, a separação da Republika de Srpska para constituir-se num Estado independente. Por outro lado, desde a Federação de Bósnia e Herzegovina (outra entidade que forma o Estado de Bósnia e Herzegovina) trabalha-se pela recentralização da Bósnia e Herzegovina com um executivo central com maiores competências, o que suporia o esvaziamento de competências nas duas entidades federadas. Neste sentido, o principal representante desta corrente é o SDA, que além de ser o partido dos muçulmanos de nacionalidade, também é o partido mais relevante, seja na Federação, seja em Bósnia e Herzegovina. Estando assim as coisas, não será simples resolver o bloqueio que vive-se na actualidade no país. Mas não só pela contraposição das duas entidades

federadas, mas também porque a maioria da sociedade já não confia nos principais partidos políticos, como se demonstrou na irrupção das protestações em Fevereiro do ano passado, que desembocaram na criação de seções plenárias populares, mesmo que estas não resultassem numa alternativa política nas eleições do passado Outubro.

Por último, no que respeita Albânia e Macedónia, o autor focaliza-se no primeiro caso na possibilidade que as organizações políticas e civis trabalhem na criação da Grande Albânia, a procurar especialmente a união com Kosovo, e para isso a trabalhar junto com aqueles partidos e associações kosovares que tenham o mesmo objetivo. No segundo caso, o autor focaliza a sua atenção nas tensas relações entre a comunidade albanesa, que forma o 25% da população total da Macedónia, e as autoridades centrais do governo da Macedónia. Por outro lado, o autor também dedica algumas páginas a analisar a problemática das relações bilaterais entre Macedónia e Grécia devido à controvérsia que existe entre ambos com o nome da Macedónia e que até este momento impediu a Macedónia iniciar as negociações de entrada na UE ou na NATO.

Estes problemas face às minorias nacionais e o difícil processo do state building nos Estados tratados facilitam o crescimento e a permanência da instabilidade na região. Perante essa situação, Janusz Bugajski dá alguns conselhos e recomendações para poder superar e resolver os problemas mencionados. Mas antes disso, o autor analisa a política da UE face à região desde o fim das Guerras de Secessão da

Jugoslávia até agora. Além disso, o autor também analisa quais serão as principais dificuldades no futuro para poder estabilizar definitivamente os Balcãs Ocidentais. Tudo isso é estudado na segunda parte da obra.

Em relação às actividades da UE na região com o objetivo de levar estabilidade à zona, Janusz Bugajski mostra-se muito crítico. Assim, o autor considera que a UE fracassou no seu envolvimento na região. Nem o SAP (Stabilisation and Association Process), nem sequer o assinamento dos SAA (Stabilisation and Association agreements), serviram para estabilizar a zona. Além disso, a crise económica e financeira que começou no ano 2007 produziu que dentro da UE a questão dos Balcãs e da ampliação da UE naquela área fosse afastada para uma melhor conjuntura. Por conseguinte, o autor considera que é necessário e recomendável um maior envolvimento na zona por parte dos EUA. Por outro lado, no que respeita os problemas futuros que a comunidade internacional e os Balcãs deverão afrontar, estes são vários: dificuldades económicas, problemas com minorias nacionais; relações entre Sérvia e Kosovo ou a fadiga existente dentro da UE face ao processo de ampliação da União Europeia com os Estados restantes dos Balcãs Ocidentais. Porém, o problema mais interessante de todos eles é aquele que fala sobre Rússia. Segundo o autor, a Rússia procura nos Balcãs Ocidentais uma zona de onde poder espalhar a influência por Europa. A consideração de Rússia como um factor desestabilizador diz mais sobre o pensamento de certa intelectuali-

dade dos EUA, mais do que de um verdadeiro perigo desestabilizador. Sim, é certo que Rússia tem na Sérvia um parceiro diplomático relativamente fiável (o único na região). Mas os serviços diplomáticos dos dois países sabem perfeitamente que o futuro da Sérvia passa pela integração comunitária, e não pela União Económica Euroasiática. Lógicamente a Rússia tem, ou pelo menos tinha, importantes interesses económicos relacionados à questão energética (South Stream Pipeline), mas esses interesses também são partilhados por uma grande parte da UE. Depois de tudo não deve ser esquecido que a UE depende energeticamente da Rússia. Lógicamente isto não é muito agradável para a UE, que está a procurar alternativas ao gás e ao petróleo russos. Mas a curto prazo parece difícil que essas alternativas apareçam. E inclusive se assim fosse, precisaria-se de algum tempo para poder desenvolvê-las. Portanto, parece lógico que a UE tenha boas relações com Rússia, embora isso não seja observado dessa forma pelos EUA. Com a crise da Ucrânia que rebentou há mais de um ano, pode ver-se a contradição da UE em termos geoestratégicos. Por um lado, a UE é um dos principais parceiros dos EUA no panorama internacional e por outro, a UE precisa do gás e do petróleo russo para poder ter os recursos energéticos necessários para que uma grande parte dos países da UE possam continuar a funcionar em todos os sentidos. Então porque a UE apoiou totalmente o Maidan mesmo se soubesse que o movimento era, entre outras coisas, profundamente russofóbico? Em termos geopolíticos, a confrontação entre a UE e Rússia não favorecia

nada a nenhum dos dois Estados. Porém sim favorecia aos EUA, país cuja diplomacia internacional continua a analisar e a operar na Europa como se a Guerra Fria ainda estivesse ativa. Assim, os EUA não hesitaram a apoiar o Maidan, tal e como aconteceu com a Revolução Laranja. A UE decidiu também apoiar o Maidan na sua intenção de derrubar o governo de Viktor Yanukovich, o que produz a reacção defensiva da Rússia, com as consequências já conhecidas.

Por último, no que respeita as sugestões propostas pelo autor, estas vão em linha com a política atlantista dos EUA face à Europa. Isto é, reforçar a presença da NATO na região, reforçar a presença dos EUA através da KFOR, garantir a unidade do Kosovo ao mesmo tempo que se limitam as questões sobre as quais as entidades federadas de Bósnia e Herzegovina podem exercer o seu direito ao veto e a criação de um tipo de mercado comum entre os Estados da região. Por outro lado, o autor critica aqueles expertos e políticos que propõem como solução modificação de fronteiras e intercâmbios de população entre alguns dos Estados com o objetivo de finalizar o processo de criação de Estados-nação homogéneos. Em outras palavras, o autor propõe uma solução imperialista sobre a zona, onde a «nação necessária» e a NATO devem levar a liderança da intervenção para poder assegurar a estabilidade e segurança. Por último, comentar a criação dum tipo de mercado comum entre os países da área. Concordo com esta proposta, mas não posso evitar pensar que este mercado já existia sob a forma da Jugos-

lávica, uma proposta de Estado-nação que foi deslegitimada, tanto pelos Estados da zona, como pelas potências internacionais, a partir da independência de Eslovénia e Croácia de Jugoslávica em 1991.

Para concluir esta resenha, apenas gostaria de acrescentar que o território dos Balcãs Ocidentais não deve ser controlado e gerido nem pelos EUA, nem pela União Europeia, senão pela própria população dos países que formam essa região. Só poderão ser partidos e agrupações de esquerda os que garantam a estabilidade e as relações cordiais entre os diferentes Estados que existem na região. Para atingir isso, deverão tomar uma actitude anti-imperialista frente aos EUA e a UE, solidária entre as regiões e populações dos disintos países e recuperar a ideia da Jugoslávica como forma de garantir e reforçar a frágil estabilidade existente na região. Porém, isto parece impossível a curto/meio prazo já que o movimento da esquerda é marginal na maioria destas áreas, por não dizer inexistente.

MARCOS FERREIRA NAVARRO